

## SEGUNDO CONTO DO MEU LIVRO “O PAPA RISO”

### TROVULINO

Paródia fictícia de Lampião, o rei do cangaço

Um rapaz trabalhador, cabra ordeiro, diferente dos irmãos e do pai que não eram flor para se cheirar. Morava num pequeno e pobre arraial na Bahia e era casada com Juversina morena destas que só tem no nordeste, queimada de sol, com um jeitinho abusado que só enganava seu marido homem pacato e que não fazia muita questão de saber se a água estava correndo para baixo ou subia a corredeira. Claro que existem muitas histórias sobre o lendário Trovulino, cada uma mais cavernosa do que a outra. Existem também causos cômicos, inventados pelo pessoal do campo em volta das fogueiras em noites de forró. Isto é quando se juntam para conversarem e descansar os pés do levanta poeira, que mais que uma dança, é um esporte que exige um preparo físico de dar inveja a qualquer desportista dos mais completos e capacitados.

Param, contam alguns causos caboclos e voltam a dançar.

### VAMOS AO CONTO

Nestas rodas e também em velórios regados a cachaça é que surgem os contos mais divertidos, claro: hoje é que se arriscam os piadistas a inventarem tais histórias, no tempo que Capitão Trovulino era vivo, quem se aventurasse a estes arroubos de valentia, só vivia até encontrar algum cangaceiro, mesmo um que nunca tivesse visto Trovulino. Ele estava mortinho da silva, o cabra matava e se justificava: - Não aceito zombaria para cima do capitão, que é cabra valente e se aparecesse aqui, o caboclo morria de medo e nem precisava gastar bala. Pura verdade, eu mesmo, estou contando porque sei que ele está em alguma parte do inferno, ou quem sabe, com a ajuda de um santo do sertão, “tinha de monte”! Ele possa até estar por perto do céu ou no limbo esperando uma chance de nascer de novo. Se é que não está encarnado no lombo daquele camarada lá dos States, que está dando tiros nos iraquianos e só fala em brigar e obrigar aos outros a se curvarem a ele, pode até não ter nada a ver, mas o cara é ruim de mais companheiro!

Voltando a vaca fria, este era o nosso herói. Antes dele se tornar tristemente famoso, morava numa casinha de taipa, até grande para quem não tinha filhos, ficava na saída do povoado que contava com quarenta casas, se

muito. Perto da sua morada tinha apenas a venda do português que era amante da sua ferosa mulher e facilitava para ela alguns babilaques, tipo: água de cheiro, sabonete e bals doces que ficava por conta de Juversina ser madrinha de um dos muitos portugueses espalhados nas redondezas. Trovulino não queria desconfiar de nada, é... Porque querendo, era só ele abrir os olhos, pois todo mundo sabia, até a parentagem do Trovulino, mas entre saber e contar sem uma prova contundente, era um risco que, mesmo sendo parente, ninguém se permitia correr. A razão era simples, porque naqueles tempos matava-se em nome da honra, e não se brincava com as coisas que poderiam provocá-la, pois, nestes entreveros, sobravam mortes para todos os envolvidos, muitas vezes iniciando-se uma guerra entre as famílias. Por isto, como quem fica sabendo por último é o corno, o marido dormia tranquilo o sono dos que não devem ou nada tem a cobrar. Eram as máximas funcionando: “O raio não me atingiu por que vou sentir o choque?” - “O que os olhos não vêem o coração não sente!”

Era uma manhã de terça-feira e Trovulino saía com o raiar do dia de um sol que já nascia quente no sertão e caminhara para sua lavoura de mandioca já com um ano e meio, no ponto de ser colhida para a farinhaada. Era ele sair e Juversina se aboletava em cima de uma pedra em forma de mesa não muito alta, que ficava na frente da casa, como a desafiar o dono e quem quisesse tentar quebrá-la. Ali ela ficava penteando os cabelos na cor negro e cortados um pouco abaixo dos ombros, mais para tesar o português que abria a venda bem cedo, sabendo que não apareceria nenhum freguês e a única razão, era a endiabrada mulher do Trovulino que sabia como mexer com os brios do portugua e com as outras partes mais ainda. Ele ficava elétrico e perdia o bom senso logo sinalizando para a libidinosa morena para se chegar até a venda onde ele lhe dava um mimo. Às vezes uma bala doce e outras, quando ele queria um agradecimento maior, abria mão de um vidrinho de água de cheiro, deixando-a escolher o perfume mais ao seu gosto.

Neste dia a safadeza já estava armada, mas, antes que o portugua fizesse o já esperado sinal mudou o cenário: surgiu um cavaleiro vestido como caubói americano: cavalo branco de patas negras, arreios com debrue de prata bem polida e brilhando ao sol, ofuscando os olhos da ferosa morena que ficou logo interessada no chegante, um vistoso viajante de semblante moreno e sorriso desavergonhado e que lhe dava a certeza do seu sucesso com todas as mulheres que olhava. Como garantia da sua segurança e charme, trazia um olho de lobo guará esquerdo seco e que ele mesmo caçara e mandara benzer no terreiro de sua madrinha macumbeira afamada nas redondezas. Para ele não precisou nem do pagamento costumeiro do litro de vinho catuaba, que ele fez questão de levar assim mesmo e dizer que era presente. Diziam que quem tinha o olho de lobo era o dono das mulheres do mundo. A indumentária completava o conjunto: calça de brim sanforizado, camisa de seda escarlata,

lenço amarelo ao pescoço, chapéu preto de couro de lebre quebrado na testa, dois revólveres negros colt cavalinho e cabos nacarados brancos, e na cela um coldre com uma, papo amarelo. Famoso rifle de vinte e dois tiros que, no nordeste, perdia a marca de fábrica e virava a temida, papo amarelo usada pelos jagunços de fazendeiros, os macacos, “designação dos policiais das volantes formadas para perseguir os cangaceiros,” que também portavam este tipo de arma. Tudo nele indicava ser um pistoleiro cheio de manhas e que trabalhavam por conta própria, alugando-se para coronéis que lhes pagavam para eliminar desafetos políticos e seus outros inimigos. Esta era uma prática muito acentuada nos tempos do coronelismo, que mandavam e desmandavam nos sertões... Acho que até hoje ainda existem tais sortilégios.

Quando passou pela morena de pele aveludada, bundinha arrebitada, já encontrou o olhar dela praticamente tirando toda a roupa dele, deixando o bonitão pelado pronto para ser comido. Quando ela sentiu o olhar do pistoleiro em cima dela, levantou-se da pedra e manteve os cabelos passando por cima do ombro seguros com uma mão, enquanto a outra manejava o pente, ao mesmo tempo armava um semblante de pureza na carinha safada fingindo estar envergonhada, mas sem desviar nenhum instante o olhar do sacana. O rapaz, “perfeito cafajeste”. Já se sentindo dono da situação, deu o golpe de misericórdia quando, como o mais perfeito cavalheiro, segurou a aba do chapéu inclinando a cabeça num gesto estudado, até na tonalidade da voz que era grave, mas clara, e não feria os ouvidos, quase que hipnotizando o ouvinte. – Bom dia jovem e linda senhorita. Isto era um convite a uma resposta, e ele sabia que ela viria. Conhecia muito bem as mulheres, tendo sido criado no meio de prostitutas e amigas de sua mãe que era dona de um bordel, cedo ele já aprendera a conhecer as manhas femininas e treinar qual a melhor maneira de tirar delas tudo o que precisava ou tudo que ele queria.

A vida na cidade média, com mais de três mil habitantes e com grande movimentação de cacau, lidando com todas as espécies de frequentadores da zona de meretrícios, que sempre recebem nome engraçado como esta que se chamava: “Fogo na Tarraquêta”, deu a Serafim a malandragem e coragem para ser um fora da lei, cometendo seu primeiro assassinato aos treze anos de idade, para roubar um bêbado que ele seguira quando viu a boa quantia de notas que o sujeito transportava. Bom conhecedor dos meandros das ruas, na esquina de uma rua estreita permaneceu de atalaia e enfiou um punhal de dez polegadas nas costas do indivíduo, que morreu sem nem gritar, quando a lamina perfurou seu coração. Desta data em diante foi se aperfeiçoando, e logo atingiu a marca de dezoito mortes, que o tornava um bom pistoleiro com fama de seguro, corajoso e confiável e que não falhava nunca.

Ouviu a resposta dela: - Bom dia, mas, eu não sou senhorita moço, eu sou casada, e quase dizendo para o homem, sou casada, mas dou, emendou:

- Meu marido está trabalhando longe e só volta à noite. O cínico como se fosse o dono já daquele monte de pecado, olhou, sorriu o rizinho do diabo que era anjo, mas que caiu do céu e como foi por descuido da sogra virou capeta, falou: - “É casada, mas não morreu ou já?” Ela muito safada respondeu: - Ô chente, é claro que morri não, mas cuidado que o português está olhando. Certo, respondeu o moço e perguntou a seguir: - como podemos conversar sem que lhe traga problemas? Ela riu e disse: - Mais tarde eu vou lavar roupa na ponte do rio, se aparecer lá a gente pode conversar, mas só se não tiver ninguém mais por perto Ele disse: - Me espere, tocou de novo na aba do chapéu e entrou na venda.

O português que estivera esticando o pescoço para ouvir a conversa e não estava gostando nada do rumo que as coisas tomaram, cumprimentou o freguês: - Ora, pois, pois, o que vai querer o moço? - Me disseram que o vendeiro tem aqui uma cachaça muito boa, pois se é verdade me coloca uma dose, quero experimentar. - Pá! É das melhores, é uma cachaça que me vem lá das Minas Gerais. Colocou uma boa dose no copo esmaltado verde com florzinhas vermelhas e bordas brancas, muito usado na época, como quase todos os vasilhames de custo mais acessível, como xícaras para café, bules e até pratos. O pistoleiro como todo bom bebedor, jogou um gole para o santo, fez o pelo sinal usando a própria mão que segurava o copo, ou seja, a mão direita. Tomou tudo numa talagada só, depois de engolir fez a costumeira careta, estalou a língua no céu da boca e depois de mais duas caretas, mandou repetir a dose pensando na morena sedutora.

Desta vez ficou rodando o copo devagar em cima do balcão enquanto parecia estudar o ambiente, encarando o vendeiro, resolveu quebrar o silêncio que se seguira.- Boa pinga, quando eu for embora vou levar dois litros, e agora me diga, esta mulher morena dos olhos pretos quem é? Manuel, o português, aproveitou para falar do que estava já a arrelhar seus brios. - Esta morena é meio sem juízo, pois, o marido é um homem valente de família muito brava e ela age sem pensar, qualquer hora provoca uma desgraça acá no povoado, se o seu marido ficar sabendo, com certeza acaba com a vida dela e daquele que se atrever com ela. O pistoleiro retrucou deixando o Manuel pouco a vontade: - Para mim, quanto mais bravo é o touro mais gosto de aumentar-lhe os chifres, se este cabra quer viver em paz é só não me aperrear e você português, fique calado, por que boca fechada não entra moscas. Tomou a pinga, pegou uma bexiga de mortadela que estava em cima do balcão e cortou uma boa fatia.

Enquanto comia, perguntou o preço e o português nervoso cobrou as duas pingas e disse que a mortadela era de graça, o rapaz não aceitou e cortou

mais uma grossa fatia e mandou-o somar tudo junto à conta. Manuel nem quis discutir, falou quanto era e o sujeito pagou e disse: - - até mais tarde e saiu deixando o português com a boca seca, sinal do medo que tinha passado. O rapaz tinha visto a morena sair com a bacia de roupa suja na cabeça e se dirigir na direção que ele viera e onde ficava o rio. Para não dar muito na vista ele pegou a direção que atravessava o povoado e após sair do outro lado, deu uma longa volta e retornou margeando o rio que naquela época estava com pouca água sendo fácil atravessá-lo em qualquer lugar. Do local onde seu cavalo andava a passo lento entre a vegetação bem batida pelos cabritos, ele avistava facilmente a outra margem onde em menos de quinze minutos avistou a morena. Antes de se aproximar deu uma boa olhada nas redondezas, mas ali não havia ninguém, a maioria dos garotos àquela hora estava na única escola do povoado, ou estava nas lavouras ajudando os pais nos afazeres, que exigiam sempre a ajuda dos filhos para conseguirem sobreviver.

Atravessou o rio devagar e foi se aproximando da mulher que vinha acompanhando seus movimentos desde que o avistara. Sem pressa, apeou da montaria e amarrou o cavalo em um arbusto por trás de uma moita mais espessa, para que ele não fosse visto por quem passasse na estrada, depois se sentou numa das muitas pedras da margem e quebrou uma haste de capim e colocou entre os lábios, ficou olhando a morena sorrindo a roupa e mostrando um belo par de coxas, enquanto movia todo o corpo no ritmo das batidas da roupa na pedra exagerando no rebolado do traseiro, batia e aumentava a força à medida que se sentia admirada. Olhava o pedaço de mau caminho, aumentava o tesão e redobrava as cacetadas com a calça na pedra, se fosse uma coisa viva, já estaria sobrando só o couro e em tiras, ficaram neste jogo por um bom tempo provocando os nervos.

O predador deixou a vítima ir até aonde ele sentiu que a adrenalina já estava quase fazendo a morena explodir em êxtase. Levantou-se e chamou a mulher, que só esperava por um sinal e simplesmente jogou a calça em cima das outras roupas na bacia e caminhou em direção ao garboso demônio que riu cinicamente envolto nas chamas de desejo. Para ela era só o que existia e o que importava naquele instante. Atirou-se nos braços da luxúria, e como uma suçarana no cio urrava e tentava arrancar as vestes que atrapalhavam o contato da sua pele com o fogo que ela queria que a queimasse. Ele, perfeito conhecedor destes ataques histéricos, agarrou seus braços e com uma bofetada seca a fez entender quem mandava. Logo a seguir, colou seus lábios nos dela num beijo daqueles de tirar o fôlego e sem tirar-lhe toda a roupa mostrou para ela apenas que era um macho ansioso por uma fêmea aplicando seus conhecimentos de anos de estudo.

Após o primeiro embate, onde o garanhão banhou por duas vezes as entranhas da morena, sucessora da Madalena antes do arrependimento, ele se

dispôs a conversar e quando ela perguntou seu nome, ele deu-lhe só as iniciais parodiando os costumes dos vaqueiros do sul que sempre frisavam esta espécie de apresentação cantada em toadas sertanejas em todo o país. Este era um charme a mais, e ela sabendo das muitas razões que tem um pistoleiro para não revelar sua identidade, não insistiu. S-R-S eram as iniciais de Serafim Ribanceira Silva, que ele não gostava de falar pelo fato de não gostar do nome escolhido pela mãe e que por não saber quem era o pai, colocou o nome do seu avô no registro de nascimento. Raro para as pessoas pobres, que às vezes morriam sem ter este tipo de documento, por serem os cartórios existentes só em cidades comarcas.

Ficaram no sobe e desce, toma lá devolve cá, pelo menos até o sol estar já bastante baixo no horizonte. Ela disse que tinha que ir para casa, pois o marido logo regressaria da lavoura, o rapaz para provocá-la perguntou se estava com medo? Ela riu gostosamente e depois chasqueou: - E eu lá sou mulher de ter medo de marido, cabra? Marido comigo leva chifre e, se eu cismar, ainda faço-o segurar a lamparina e iluminar a metenguencia. Isto foi à tônica para que o rapaz, sempre a procura de desafios, retrucasse que duvidava que ela tivesse coragem para realizar uma empreitada assim. Ela perguntou: - Quer apostar? – ele respondeu na hora: - Quero. – Pois então esta será a aposta: se eu não tiver coragem, você pode fazer comigo o que desejar, até matar ou me fazer de escrava para trabalhar na zona para você, se eu fizer, você me dará dinheiro para ir embora para a capital e que dê para me sustentar um ano. Cabra sem medo, abusado, topou a parada.

Ela falou:

- Reparou que no fundo da minha casa tem uma porção de pés de amoras? Pois, se não lhe faltar à coragem, hoje ainda, lá pelas dez horas da noite me espere lá que eu vou dar para você e o corno ainda vai alumiar. – Pois vou estar lá, não me faça de besta, se me fizer de trouxa acabo com sua vida. Eles se atracaram mais uma vez e depois de uns dengos ela foi-se embora sem culpa e cantando feliz. Com a bacia de roupa sem lavar na cabeça ela caminhou de regresso a sua casa. Ao chegar o português estava olhando com um ar de reprovação, ela só para machucar o brio do amante deu um sorriso descarado em sua direção, fez um biquinho, mandou-lhe um beijo, explodindo depois numa gargalhada que repercutiu por toda a rua e o obrigou a entrar na venda. Com medo agora, até de ela contar para o outro amante, ela era gostosa, mas tinham outras sem tantos riscos.

S. R. S voltou pelo mesmo caminho que fizera antes e depois de reentrar no povoado, foi direto para a venda onde depois de entrar pediu um pinga e após os rituais emborcou o copo e pediu outra, desta vez pedindo ao vendeiro para arrumar-lhe comida. Após dizer-lhe o que poderia conseguir, o português foi preparar o prato acertado, que se constituía de linguiça frita,

ovos estrelados e farinha de mandioca, mais uma boa porção de arroz e feijão preto acompanhado de mais algumas doses de cachaça. Enquanto comia observava os movimentos na casa de Juversina vendo quando o Trovulino, grande corno satisfeito, entrou na choupana arrastando-se com ar cansado e de quem trabalhara durante todo o dia, depois disso, viu a morena chegar mais duas vezes à janela antes da noite cair. As lamparinas na casa foram acesas. Na venda, o português mais sofisticado, tinha acendido dois lampiões e logo começou a chegar algumas pessoas, o rapaz que não tinha interesse em conhecer ninguém, pagou sua despesa e saiu sem dar qualquer satisfação.

Depois de passar por dentro do povoado, ele se afastou o suficiente da vila e, escondido, aguardou as horas se arrastarem lentamente, até que o povoado se aquietou. Calculou que deveria ser mais de nove horas e retornando por trás das casas margeando o rio, se aproximou das moitas de amoras. Apeou do animal e depois de alisar sua testa como a acalmá-lo, atou o cabresto de forma que ele pudesse alcançar as folhas de amora, e afastou-se até aproximar-se da casa, dali ficou observando o movimento encostado a um pé de coco dos muitos que havia por ali. Algum tempo depois ouviu barulho dentro da residência e ficou atento. Viu quando uma lamparina se acendeu pelas frestas da janela, quase que ao mesmo tempo ouviu uma voz que reconheceu ser de Juversina. – Trovulino, acorda homem, estou com dor de barriga, ô Trovulino acorda! Ouvia uma voz sonolenta que imaginou ser a do corno - Que foi Juva, to com sono, que há? Se você está com dor de barriga faz no pinico. – Não, se eu fizer no pinico vai ficar catingando aqui dentro a noite inteira. – Então vá fazer lá fora ô daneira, pra que você esta me incomodando? – Eu to com medo de ir lá fora, os meninos viram cobra um dia destes, lá nas moitas de amora. – E daí? Você faz mais perto da casa, amanhã você limpa. O pistoleiro tinha que segurar a boca para não cair na gargalhada, como pode casar com um sujeito tão besta.

Que mulher mais maluca ele tinha conhecido, esta era uma mulher boa mesmo de ir para a zona, ia ser difícil alguém ser melhor do que ela para enganar os incautos. Novamente ouviu a voz da mulher: – Acorda homem, é só procê segurar a lamparina pra eu. – Esta bem, então vai logo que eu estou cansado de trabalhar, mas vê se anda depressa que eu tenho que dormir, pois amanhã eu vou cedo pra a roça.

S. R. S viu a porta se abrir e sair primeiro Juversina, logo a seguir o homem segurando a lamparina, pensou... Que pateta é este sujeito, nasceu para ser corno. O casal se aproximou das amoras e ele ainda ouviu o maridão dizendo: - Aí está bom Juva. Viu o vulto da morena se aproximando agarrando-o e cochichando: - não disse que vinha? O bandidão sorriu para dentro pensando que aquilo ia ser mote para repentes e até livros de cordel pelo sertão, ele e Juversina ficariam conhecidos no Brasil inteiro, ele ia ganhar

mais fama e mais dinheiro por causa daquela façanha. O cabra era dos bons, a mulher era das boas e a adrenalina estava fazendo tudo virar tesão, logo sem pensarem em perigo começaram o vem cá meu bem que eu estou querendo. Trovulino como bom corno, ainda perguntou: - Vai demorar muito? Eu estou com sono. Ela respondeu: - Espere já vai. - S. R. S teve que segurar o riso afinal, não era de bom tom estragar a brincadeira antes da hora, dedicou mais atenção ao vai e vem e nas carícias.

Trovulino estava impaciente, de repente Juversina começou uma gemeção, ele dormindo em pé com a lamparina na frente dos olhos não via nada, perguntou: - que foi que você comeu que te fez mal deste jeito Juva? A morena safada ainda se deu ao trabalho de responder com gozação, enquanto beliscava as costas do rapaz rindo num sussurro e provocando nele uma vontade quase incontrolável de parar com o vai e vêm e rir tudo que tinha para rir de uma só vez, mas se segurou e Juva como a chamava o seu corno de prontidão respondeu: - Deve ser aquele salame do português que eu comi. Com isto o Trovulino se deu por satisfeito e o S. R. S teve que parar de vez a safadeza antes que não aguentasse mais sem rir, mas já tinham feito o proposto e era o que importava. Ela esperou ele se afastar e saiu arrumando a camisola, feita de saco de açúcar, que o português lhe dava e ela clareava com soda e sabão assim com eram feitas a maioria das roupas de baixo do casal, não apenas no nordeste, mas em todo o país pobre.

S. R. S afastou-se um pouco e voltou a encostar-se ao pé de coqueiro onde ficou aguardando até o casal voltar para a casa. Só quando a lamparina se apagou é que em silencio foi até onde estava o cavalo e o desamarrou saindo a passo até alcançar a estrada. Atravessou a ponte e continuou trotando por mais de três quilômetros. Em certo ponto desviou o animal para uma zona de pedras não muita altas e já conhecida dele a procura de um lugar para passar uma noite, já que, como bom pistoleiro ele sabia que qualquer lugar era perigoso e o mais seguro era sob o manto de um céu estrelado. Quando chegou ao lugar que estivera procurando, desarreou o animal e o soltou, pois sabia que ele não se afastaria, permanecendo perto da moita de capim e onde tinha um poço de água de uma nascente naquele local.

Deitou-se sobre as mantas do animal forradas com o pelego e com a cabeça apoiada na sela puxou a capa gaúcha sobre o corpo e riu um riso de anjo sem pecados olhando para a lua nova que começava a derramar os raios sobre o sertão. Repassou os acontecimentos do dia. Pensou um pouco em como tiraria proveito de tudo o que estava acontecendo, pois nada valeria à pena se não tivesse lucro, riu e dormiu o sono dos inocentes, na firme convicção de que ser esperto não é crime.

No outro dia ao acordar, ainda pensou um pouco sobre os acontecidos do dia anterior. Sorriu de novo e foi até o poço, onde pensava fazer a costureira higiene natural, ou seja, lavar o rosto e bochechar um pouco de água, passar os dedos nos dentes e gengivas a guisa de escova de dente escassa naquela época. Devido ao calor e sentindo ainda o cheiro do sexo da noite anterior, resolveu que um banho seria bom. Despiu-se e se atirou na água que lhe pareceu fria, mas logo achando delicioso o banho que prolongou até achar que já estava bem limpinho e pronto para enfrentar um novo embate se aparecesse. Vestiu-se, chamou seu belo cavalo e assobiando uma melodia antiga, selou o animal se dispondo a voltar à venda do português para saber as novidades e também tentar rever a fogosa Juversina que tanto o tinha impressionado e a quem devia uma aposta que pensava seriamente em cumprir, pois não era homem de faltar compromissos firmados. Quando entrou no povoado, desta vez depois de dar uma volta muito maior e vir de novo pelo outro lado, notou que tinha alguma coisa errada, não sabia o que era.

Antes de entrar na venda descobriu notando o movimento de crianças na rua, isto por ser sábado e não ter aula e mesmo quem trabalhava nas lavouras, neste dia sempre dava um jeitinho de enrolar e não fazer nada era uma maneira de o povo dizer que era dono do próprio nariz e se bastar com pouco, pois não tinha qualquer ajuda ou incentivo dos governantes que sempre deixavam grandes latifúndios nas mãos dos coronéis que detinham as terras mais férteis por gerações incontáveis sem produzirem nada, apenas para dizerem: Em qualquer direção que a vista alcançar você estará olhando para as minhas terras. Ao entrar encontrou o português lavando os copos e como se diz: o bom lenhador sabe o mato que tira lenha, fez questão de cumprimentar o moço com um bom dia mais cordial, mostrando uma cara de satisfação, mesmo sendo mais falsa que o beijo do Judas. O pistoleiro fez de conta que não notou, conhecia o suficiente das pessoas para saber que se o tal vendeiro tivesse coragem, daria cabo dele, assim não teria que dividir a mulher e era exatamente o que o português estava pensando.

Para espicaçá-lo S. R. S. resolveu contar as peripécias vividas à noite com a Juversina. Começou pedindo café e um pão sovado, logo que foi servido falou entre um gole e outro de café: - Esta mulher tem mesmo fogo na rachulina, ela é da pá virada. O vendeiro ficou interessado, mas... Respondeu apenas um “pois, pois” e o rapaz continuou: - Você acredita que ela fez o marido dela segurar a lamparina para se atracar comigo? Aí o português abriu a boca e xingou um palavrão (ai Jisuis, cadela).

O rapaz riu gostosamente com o efeito que causara e continuou: - ela sabe o macho que encontrou, por isto não teve medo e ainda fez à maior gemeção, enquanto o marido chifrudo ficava segurando a lamparina bem alta

para alumiar a metenguencia. Tão espantado quanto zangado o português só repetia: - Cadela, ora, pois – pois, cadela, o sujeito ria e aí foi contando os detalhes escabrosos da aventura, sabendo que logo todo o povoado iria saber do ocorrido, menos o excelentíssimo marido corneado, sempre o último a saber dos galhos.

Desta vez o destino não estava muito disposto a ser traçado conforme as vontades do pistoleiro, que sempre fazia seus caminhos curvar-se na direção que ele determinasse. Dois garotos filhos do povoado, que eram apadrinhados por um saci-pererê ou pelo menos as peraltices eram iguais às do moleque pernetá, estavam atrás da porta. Primeiro apenas querendo saber quem era o cavaleiro que parecia rico e de repente eles poderiam arranjar algumas balas doces com ele em troca de algum favor como cuidar do cavalo ou outra coisa que ele precisasse, mas depois que ouviram as primeiras palavras do narrador eles ficaram quietos. Do local em que se achavam puderam acompanhar todo o relato que era um prato cheio para dois garotos infernais como eles. Mal o rapaz acabou de contar o caso eles saíram para procurar outros garotos e armarem as estripulias como diversões. Depois de ver a Juversina chegar à janela e fazer um sinal que ia para o rio, o garboso pistoleiro pensou logo em safadeza e riu cinicamente,

S. R. S Acertou sua despesa e saiu cumprindo o mesmo ritual do dia anterior indo para dentro do povoado e depois atravessando o rio e voltando pela outra margem. A mulher não estava no mesmo lugar e ele a avistou trezentos metros rio abaixo e um pouco distante da margem, onde a mata ciliar era espessa, logo que percebeu que ele a tinha visto, entrou na mata e seguindo uma trilha sombreada foi sair na beirada da água. Alguns minutos depois chegou o rapaz, com fome de sexo, nem se deram ao trabalho de cumprimentarem-se. Já partiram para o pode vir que eu to querendo. Só depois de satisfazerem os selvagens instintos é que iniciaram a conversa que começou com as gozações da aventura na noite anterior, enquanto entravam na água para se banharem e refrescarem-se do calor, que já começava a fazer o efeito de costume, comum no nordeste.

Enquanto isto, Trovulino que tinha ido à lavoura terminar a capina de um eito, retornara trazendo um balaio na cabeça com raízes de mandioca. Deixou a carga em cima da pedra e caminhou em direção à venda do português na intenção de tomar uma cachaça, pois, chifrudos também são gente de carne e osso e bebem pinga. Nisto, um bando de garotos com idade entre onze e sete anos, surgiram próximos à venda e começaram a gritar em direção a Trovulino, hei sua lamparina de quenga, ô lamparina de quenga e antes que houvesse uma reação do homem, saíram correndo em direção ao povoado fazendo uma tremenda algazarra.

Não houve reação nenhuma de Trovulino, mesmo por que não tinha entendido nada, sempre era respeitado por todos inclusive as crianças, que só agiam assim por que um homem que faz o que ele fez não merecia na concepção das crianças mais nenhum respeito, ainda estranhando entrou na venda e comentou com o português - que meninada besta, me chamando de lamparina de quenga, e tem dois sobrinhos meu no meio, se eu pegar eu capto eles, onde já se viu me colocar apelido e sair zoando? Esta molecada de hoje, não tem respeito.

O português chegou a tremer os bigodes só de pensar que o homem poderia vir a saber do acontecido. Por mais pacato que o bom homem fosse, neste caso, ele viraria um leão e faria o que se chamava no nordeste daqueles tempos de uma desgraceira onde corria tanto sangue que urubu ficaria rondando por meses o local da chacina. Serviu a cachaça para Trovulino que tomou de um trago e mandou repetir a dose e encher o copo. Mentalmente ele sentia que os meninos sabiam de alguma coisa que ele nem imaginava, mas que estava fazendo seu coração bater bem mais forte dentro do peito. Ao longe ele avistou seu irmão com os dois sobrinhos sendo puxados pelas orelhas vindos em direção à venda e o coração bateu mais afoito adivinhando que alguma coisa não estava certa. Falou para o português sem olhar a cara deste - olhe lá, num falei? Meu irmão já vem trazendo os dois. Ele não tinha falado nada daquilo, mas entre surpreso e até contente ele viu o irmão se aproximar e já pensou que os meninos iriam ser punidos pelo agravo. Se quando ele mostrou ao português a cena, ele tivesse olhado para sua cara, teria visto como ela estava verde de tanto medo que o português sentia. O irmão do Trovulino entrou na venda empurrando os dois garotos e nervoso disse para eles repetirem o que tinham lhe falado.

O vendeiro vendo que o caldo ia engrossar para o lado dele tentou escapular caminhando para o lado da porta no que foi contido pela voz do que havia chegado: - corre não que eu lhe mato. O português parou de chofre, quando ele olhou para o homem este empunhava uma peixeira de quinze polegadas e disse fique encostado no balcão do lado de dentro. O homem tremia que nem vara verde, aí foi à vez de Trovulino perguntar ao irmão: (- ô chente o que se assucedê Zequinha? José seu irmão respondeu: - ocê viu os mininos chamano ocê de lamparina de quenga? Pois foi o que eles escuitô de um cabra que tava contando pro português que tava cumeno sua muié e ocê tava sigurano a lamparina pra eles ficá na safadeza de noite lá no quintá de ocês nos pé de amora.) Terminou de falar e ficou aguardando a reação do irmão que ficou por um longo período digerindo a conversa e tentando entender o que tinha acontecido. Quando assimilou a sua desgraça não precisou da confirmação das crianças, sabia que eles estavam falando a verdade. Pediu ao irmão para sair com os filhos e ir para casa, o irmão pensou em protestar, mas a cara de Trovulino não dava lugar a dúvidas. Apenas foi

saindo com os meninos seguros pelos braços e foi-se embora procurar os outros dois irmãos por que a desgraça estava pronta, só restava agora seguir o curso dos acontecimentos.

O homem que estava ali agora não era o pacato Trovulino, seus olhos eram vermelhos e soltavam centelhas, falou com voz fria e calma, mas que não deixava nenhuma chance de ser desobedecido. – Feche a venda para nós falarmos um bocado. O vendeiro fechou as portas, voltou para dentro do balcão e já tentando se safar foi falando: - compadre, eu não tenho nada com isto, não continuou. Trovulino fez um gesto para ele se calar e falou, responda só o que eu perguntar, certo homem? O português fez um sinal afirmativo com a cabeça e Trovulino pegou o litro de cachaça em cima da mesa se serviu de uma boa dose, tomou um pouco, não deu ao santo e puxou sua lapiana. O português tentou esboçar uma fuga, mas Trovulino segurou seu braço e encostou a faca na costela dele e falou: - conta direitinho esta história por que se não falar suas tripas vão sair do bucho agora mesmo e ninguém põe de volta, entendeu português, “meu amigo e compadre”? O vendeiro sentiu na ironia um veneno mortal, estava perdido.

Com a faca espetando suas banhas e gaguejando o vendeiro contou tudo desde a chegada do pistoleiro, até de manhã quando ele se afastou do povoado indo embora. Quando terminou de falar Trovulino tirou a faca das costelas e perguntou: - por que, sendo meu amigo e compadre, já caçamos juntos, todos os dias nós conversamos aqui e você não me contou logo no primeiro dia a safadeza da Juversina com ele? O português pensando que ia se safar disse: - eu não podia, o homem tem cara de pistoleiro e falou que se eu abrisse a boca ele me matava. Compadre Trovulino, esqueça isto, esta sua mulher não presta, largue ela e arrume outra, viu o braço do seu compadre se levantar e desferir uma facada na sua volumosa barriga e as tripas saltarem para fora, tentou segurá-las, mas viu a lamina da faca voar em direção ao seu peito e não viu mais nada, se não tivesse morrido quando a faca perfurou seu coração teria visto á lapiana entrar e sair das suas carnes tantas vezes que ele ficou retalhado e com seu sangue escorrendo como bica pelas gretas do assoalho alto da sua venda onde tantas vezes tinha se deitado com Juversina, já não tinha pecados a pagar, pelo menos nesta parte do universo, talvez... Tivesse que prestar contas a Lúcifer no inferno.

Trovulino só parou depois que seu braço não conseguia mais levantar a faca, deixou-se cair em cima do corpo do morto e chorou como um desgraçado que sempre quis a paz e agora via os seus sonhos virarem o mais louco pesadelo. Foi se acalmando e pensou que ainda tinha que se vingar de mais gente e estas pessoas que roubaram seus sonhos nunca iriam escapar do seu castigo que seria um banho de sangue no sertão enquanto ele tivesse vida. Relanceou o olhar pelas prateleiras da venda e parou os olhos na espingarda

cartucheira de caçar veados e por muitas vezes ele e o falecido português tinham ido à caça e vira o estrago que ela fazia nos bichos, pegou a caixa de cartuchos e depois de verificar se todos estavam carregados, se dispôs a sair à caça do tal pistoleiro. Quando abriu a porta viu a figura de S R S surgir no princípio da rua, ainda sem casa. Trovulino com rapidez saltou para detrás do balcão e engatilhou os dois canos da cartucheira esperando com o coração aos pulos a chegada do pistoleiro.

Apesar de tenso, ele estava agora com todos os sentidos alertas assim pode perceber a tempo um dos braços do cadáver aparecendo no limiar da porta saiu de novo e presto, puxou o braço para que não pudesse ser visto da rua. S-R-S em circunstâncias normais talvez desconfiasse de alguma coisa, mas devido à euforia das aventuras e o gosto da morena ainda estar dentro da sua boca e com o cheiro do perfume invadindo seu nariz, nada notou de anormal no quadro que ele vislumbrava, mesmo por que seus olhos sempre se voltavam mais para a casa da morena, talvez tentando ver a cara cornuda do marido de Juversina num ritual de maldade próprio de quem se acha a salvo e acima da morte, não iria mexer com o homem, mas riria de sua cara.

O homem na tocaia teve tempo de olhar bem o tipo de sujeito que ia matar... Se não fosse o acontecido talvez até tivesse gostado do pistoleiro, pois, era um homem que tinha bom gosto para quem podia de se vestir com apuro e gente mais pobre, “como ele,” desejava secretamente ser igual. Quando estava a vinte e cinco metros da venda foi que o cavaleiro olhou para ela com mais atenção, mas era tarde, quando escutou o som do tiro a carga de chumbo já tinha se alojado no seu peito, o impacto o jogara para trás fazendo-o dar uma pirueta por cima do cavalo que empinara e cair de costas no chão, ainda com vida, mas fraco e sem nenhuma força para reagir, viu o corno se aproximar com a espingarda na mão e pronto para disparar outra carga de chumbo, tentou dar um sorriso de escárnio, mas só conseguiu fazer um esgar de dor, quem sorriu foi Trovulino apontando a arma para o rosto de traços bem feitos do pistoleiro e puxou o gatilho da arma, com prazer, como se tivesse feito isto a vida toda.

A carga explosiva arrebentou e tingiu de preto a cara do rapaz, o sangue em esguichos misturava-se na roupa suja de Trovulino com o sangue do outro defunto. Friamente o novo matador tirou do cadáver o belo cinturão com os revolveres de cabos nacarados, afivelando na cintura como um despojo de guerra, também se apoderou do cavalo arreado, do chapéu e do dinheiro que estava nos bolsos e era bastante. Depois entrou na venda e pegou toda a munição e armas que o português mantinha lá, “para vender”, na maior calma como se aquilo fizesse parte da sua vida tomou uma talagada de cachaça e só aí saiu e viu os três irmãos chegando. Com eles quase todo o povoado que durante a refrega se enfiaram dentro de casa, mas agora que as coisas pareciam

calmas, tinham curiosidade de saber o resultado que por muitos anos seria comentado em todo o nordeste como a honra lavada com sangue da desgraceira.

- Prestem atenção, peguem as coisas da venda e dividam entre todos, quando os macacos chegarem aqui diz que foi Trovulino quem carregou. Você Zequinha fique no povoado, por que tem mulher e filhos, Juca e Pedro se quiserem podem vir comigo por que de agora em diante eu vou virar cangaceiro. Os dois irmãos se assanharam logo para irem com o irmão e Trovulino mandou-os esperarem, pois, ainda tinha uma coisinha para fazer. Montou a cavalo e seguiu em direção ao rio onde sabia que Juversina sua traidora mulher estaria lavando roupas e se rindo da cara dele. Os irmãos se embriagando com cachaça, o cheiro de sangue e a desgraceira acontecendo começaram a gritar e saquear a venda chutando e massacrando mais os corpos deixando-os em frangalhos numa sanha de horror e sem propósito, típica da violência quando explode nos corações..

Trovulino ao se aproximar da ponte, foi com o cavalo bem devagar e da margem da estrada viu entre as frestas da vegetação a sua presa. Freou a montaria amarrou a rédea num arbusto, tirou o laço da sela e depois de abrir a laçada foi se aproximando pé ante pé até bem próximo de Juversina que devido ao barulho da água corrente e o langor que se encontrava, nada ouviu. Ela estava refestelada em uma pedra com as pernas dentro da água e lembrando os bons momentos passados junto ao pistoleiro sem imaginar que a estas horas ele estava morto. Sentiu o laço prender o seu pescoço e tentou desvencilhar-se, mas um soco no lado da cabeça e o laço retesado a impediram, tomou mais duas pancadas na cabeça e perdeu os sentidos, quando acordou estava com as mãos amarradas atrás das costas o laço passado sob as axilas e o seu marido corno olhando-a com o rosto frio e inexpressivo, não disse nada, mas seus olhos como uma faca mostravam todo o ódio que estava sentindo. Com a ponta do laço presa ao arção da sela ele montou enquanto ouvia os gritos de Juversina, tocou o cavalo em direção ao povoado a trote e arrastando a mulher nas pedras da estrada.

Quando chegou, o que restava das roupas e da pele da mulher eram tiras sangrentas, ela gemia, mas estava sem forças por causa dos ferimentos e do sangue perdido. Ele apeou do cavalo e o pessoal mostrou toda a violência gritando para que ele a matasse, ele tirou um revolver do coldre e apontou para a multidão gritando para que se afastassem e carregassem as crianças com eles. Quase no mesmo instante a rua ficou vazia, no entanto a curiosidade mórbida das pessoas as fez entrar todos nas casas mais próximas para assistirem o que adivinhavam ser a execução da mulher. Os quatro irmãos permaneceram juntos, Trovulino pediu ao irmão casado que se fosse, ele obedeceu e intimamente deu graças a Deus, pois, não gostava de violência,

embora se o irmão deixasse os acompanharia para o cangaço, afastou-se procurando ficar próximo às pessoas que estavam nas casas assim não seria acusado de participar dos crimes do irmão.

O homem pegou o trapo que estava à mulher e colocou em cima do pistoleiro morto, ela estava consciente e balbuciou mate-me é seu direito. Ele não judiou mais dela, disparou nas costas em cima do coração e ela teve um espasmo e ficou quieta, ele não chorou, achou que ela não merecia suas lágrimas, dali em diante, pensou... Nunca mais derramarei uma lágrima por ninguém nem mesmo por meus parentes mais próximos. Montou e depois de dar instruções aos irmãos partiu a galope na direção que segredara a eles. Os irmãos juntaram os tarecos e foram para a casa do pai que ficava numa biboca e onde o velho morava e gostava de ficar só.

Quando lá chegaram o pai logo estranhou e perguntou: (o que aconteceu pra móde cês ta qui dia de hoje?) Os rapazes contaram ao pai todo o acontecido e ele disse: - (eu sabia que aquela muié era safada e ia botá o Trovulino em dificurdade e ocês vai pra onde com estas armas? Nóis vai com o nosso irmão pro cangaço defendê ele, - pois ta certo vivi muitos anos no cangaço e se fosse mais novo ia adjunto docês, ocês num pode ficá aqui não, os macaco daqui a pouco chega no rasto. Vão pra grota da fumaça e fica lá inté as coisas isfriá deixa que aqui eu siguro as potoca.) Os rapazes se foram, mas andaram um pouco e ouviram tiros, voltaram e do alto de um morro viram os macacos rodeando o pai e dois macacos no chão estirado. Eram muitos os soldados, os dois tiveram que fugir indo a procura do irmão para contar o acontecido e ver o que decidia Trovulino. Quando o encontraram relataram o acontecido e aguardaram.

Trovulino encostou-se a um velho esteio dos que sobraram de uma casa em ruínas e rezou. Engraçado como pessoas que teoricamente quando tiram à vida de alguém perdem a condição de candidatos aos céus não se apercebem disso e rezam, ou fazem-no apenas por estarem acostumados a rezar durante a vida toda mandada por pais, mães e parentes mais velhos. Depois de algum tempo sem mostrar qualquer sinal de choro, mas com um semblante sério como requeria à ocasião, ele começou a explicar o que faria:

– Nós não vamos vingar de quem acabou com nosso pai, ele mesmo fez isso matando dois na luta sem contar os que ele matou durante sua vida de cangaço. Vamos nos vingar de todos os macacos que encontrarmos na nossa frente! - Depois de descansarem dois dias, voltem com cuidado e fiquem no mato em cima dos morros, à noite vou encontrá-los, quero entrar na tapera do meu pai e ver se deixaram lá uma coisa que eu quero muito para meu uso. Os três dias seguintes foram uma espécie de doutrinação para a nova condição de vida que ele e seus irmãos iriam levar dai em diante, sua vida até ali tão pacata agora iria ser um inferno.

Trovulino, mais para ficar sozinho, se afastou do acampamento com desculpa de que iria caçar um veado do qual tinha visto rastros e ia ficar na tocaia dele. Subiu uma encosta de mata que fugia ao padrão natural da caatinga comum naquelas paragens. Era uma mata de aroeiras, mas entremeadas de madeira nobres como cedro, jacarandá, sucupira e até um pé de jequitibá bem antigo. Tão grosso que quatro homens não conseguiriam abraçá-lo. Atrás deste jequitibá a mais ou menos vinte metros de distancia, havia um regato de águas cristalinas onde tinha se formado um poço grande, e era onde tinha visto os rastros do bicho. Acostumado com caçadas não se aproximou do local e desceu a encosta até quando o riacho passava a deslizar na pedra nua formando uma cascata de doce murmúrio e onde se refrescou e se lavou, lavando também suas roupas. Depois se deitou nu na pedra fresca e deixou-se ficar sendo acariciado pela água fria enquanto sua roupa e botas secavam ao sol naquela calma de uma tarde morna, dormiu.

Acordou com o pio do gavião carcará estridente e que estava à caça de alguma presa ou companheira. Levantou-se e como um cão molhado sacudiu o corpo para livrar-se da água, esperou um pouco até o corpo ficar seco e vestiu as roupas. Sentou-se numa pedra com boa altura onde se sentiu confortado e enrolou um cigarro de palha que fumou com prazer. Sorriu por se aperceber que os acontecimentos passados já não o estavam incomodando tanto e se perguntou se este não seria de fato o seu destino: Ser um cangaceiro matador e estar do lado do capeta em vez de ficar do lado dos que vão as missas e rezam para conseguir um cantinho no céu?

Permaneceu onde estava até que o sol se pôs e quando a noite começou a chegar voltou ao pé de jequitibá. Com o facão marca corneta, “novo” e que havia tirado do armazém do finado compadre, limpou o local usando-o a guisa de enxada fazendo uma raspagem das folhas e sentou-se com as costas apoiadas no tronco volumoso. Atravessou a cartucheira sobre as pernas e esperou. O tempo transcorreu lento, mas sem que ele se incomodasse, não tinha nada para fazer e sua mulher onde se encontrava não iria precisar que ele segurasse a lamparina para ela por chifres nele, ela agora estava bem iluminada pelas chamas do inferno.

Quando a lua cheia estava quase sobre sua cabeça e seus raios iluminavam o regato deixando-o parecido com um filete de prata, ele ouviu um pisar cauteloso de pés se aproximando. Permaneceu como se fizesse parte da paisagem que cercava o ambiente, viu quando um veado campeiro com chifres bem desenvolvidos apareceu e lentamente, parando, escutando, farejando, foi-se aproximando da água, o cheiro dela o fez menos cauteloso. Curvou a cabeça e começou a beber, o caçador que estivera apontando a arma na sua direção, agora mirava com cuidado a pá dianteira do animal, estava

pronto para puxar o gatilho. Sabia que um tiro naquele lugar era fatal, os caroços de chumbo grosso, entrariam no couro e atingiria o coração do animal, raramente eles não caíam no mesmo lugar e quando isto não acontecia, ele não ia muito longe, pois os grãos de chumbo quebrariam sua perna e a hemorragia interna o enfraqueceria. Depois disto o caçador o alcançaria e terminaria o serviço com a peixeira.

Talvez por ser um animal que não faria mal a ninguém, ou quem sabe... Os belos chifres do bicho o tenham comovido e feito Trovulino pensar que de certa forma eles eram iguais. Certo é que quando tinha o veado na mira e a certeza de que não erraria o tiro, ele abaixou a arma com cuidado para não espantá-lo e ficou apenas admirando-o até que ele se afastou. Puxou a capa gaúcha que tinha tomado do finado pistoleiro, e apoiando a cabeça no embornal onde carregava os apetrechos de caça, dormiu. Sonhou que era um gavião voando a grande altitude... Sonho típico de quem quer fugir de uma situação de desespero e o pavor de uma desgraça sofrida e que tenha vindo tão fora de propósito, quando ele pensava que já era dono de um pedacinho de céu e já tinha garantido à salvação da alma.

No outro dia quando os pássaros iniciaram a algazarra matinal, ele já tinha aberto os olhos e esperou assim até as sombras da noite se afastar e ele pudesse ver com clareza entre as sombras da mata. Quando ia levantar-se escutou um guincho e barulho de dois animais pequenos, engatilhou a cartucheira e esperou, avistou duas pacas a menos de quinze metros do lugar onde estava, escolheu um que lhe pareceu o maior e mirando na cabeça puxou o gatilho. O guincho de susto e dor se elevou no ar, o outro animal fugiu em seguida e ele ao aproximar-se notou que tinha calculado corretamente, o animal era um belo exemplar macho. Após amarrar os pés do roedor com um fiapo de cipó caboclo que era dúctil e resistente, deixou-o junto da árvore e os apetrechos de caça. Fez suas necessidades fisiológicas. Depois foi até o regato lavou o rosto, bebeu água e pegando a pesada carga voltou ao acampamento caminhando sem pressa e olhando a beleza do lugar.

Ao chegar Juca perguntou se o veado não tinha aparecido, ele disse simplesmente: - acho que meu cheiro espantou o bicho. Tire o couro e limpe a paca, vamos assá-la no espeto a carne é bem mais saborosa do que carne de veado. Faça uma água de alecrim, pegue dentes de alho e sal no meu embornal e tempere a carne que vamos comer e beber da cachaça do compadre, com a vantagem de ser de graça, ele não precisa mais de dinheiro, riu com gosto acompanhado pelo irmãos: Juca e o Pedro que acabara de chegar. Sentou num banco improvisado, depois de se servir de café tirado do bule que ficava sempre quente no fogão de pedras também improvisado. Enrolou um cigarro de fumo picado numa palha de milho e fumou com prazer.

Quando terminou o almoço que tinha arroz, feijão e farinha. Procurou uma sombra, e ficou conversando com os irmãos e fazendo planos para o futuro. Sua ideia era montar um bando numeroso, e fazer justiça no sertão. Os dois dias esperando nas ruínas foram lentos e iguais, quando finalmente na manhã do terceiro dia os dois irmãos partiram. Trovulino ficou aguardando o anoitecer, pois, iria a cavalo e chamaria mais a atenção se viajasse durante o dia. À noite quando a lua em três quartos ainda iluminava o sertão ele chegou ao local combinado com os outros.

Depois do relatório feito por Juca que era mais velho do que Pedro e sempre tomava as rédeas da situação perante Trovulino. Este resolveu descer acompanhado de Pedro, deixando Juca de prontidão para responder a fogo caso fosse preciso. Ao se aproximar do casebre, mandou Pedro ficar atrás de uma pedra, Acenou com a mão que segurava o cigarro aceso para Juca que respondeu ao aceno e depois com calma se aproximou e empurrou a casa da velha moradia que rangeu quando abriu. Acendeu um velho lampião e com o facho bem baixo se dispôs a examinar as coisas do velho pai falecido. Num antigo baú que abriu encontrou o que procurava, um velho chapéu de cangaceiro todo enfeitado com peças de ouro e quatro estrelas de prata, além de algumas moedas patacas que era feita de prata com algumas percentagens de ouro, bem polidas eram um belo enfeite.

Desde o dia da desgraça ele ainda não tinha tido um pensamento bom para nenhum ser humano, mas rezou algumas palavras em intenção da alma do seu velho valente e finado pai. Não chorou, até sorriu ao se lembrar do velho, o mundo não produzia muitos homens com a sua coragem e senso de justiça como foi o velho Raimundo Pereira, famoso por suas afrontas aos macacos. Matou muitos homens até resolver assentar pouso e criar família naquele lugarejo que ele desbravara e tomara posse ficando a primeira casa que permaneceu mais de dez anos sozinha até que outros atraídos pelo rio também foram se achegando e invadindo a terra devoluta. Terras que o governo mantinha sem distribuir. Exatamente pelo valor estratégico que representavam o rio Girondé de águas puras e cristalinas.

Assim nasceu o povoado de nome Pereira uma homenagem ao velho sem que alguém pensasse nisto. Quem morava lá dizia: - eu moro lá no Pereira e foi ficando, um dia seria uma cidade e talvez ninguém se lembrasse de que se chamava assim, por que este era o sobrenome de Raimundo seu pai. Mas isto não tinha mais importância, seu pai se fora e ele não voltaria mais ali. Dentre as coisas guardadas no baú, havia uma velha baioneta, mas sem desgaste, certamente tomada de algum macaco que ele matara, Trovulino apoderou-se dela e saiu. Nada mais tinha qualquer valor para ele e o que restara ali, seu irmão Zequinha se encarregaria de tomar conta, assim como das terras em volta do casebre que eram bastante produtivas.

Reuniu-se com os irmãos e se dispôs a sair nos caminhos do mundo para desassossegar o sertão. De manhã entraram no povoado de Sariróca menor ainda e mais pobre do que Pereira, mas com a mesma vantagem, era difícil macaco aparecer ali, só se fosse chamado em caso de mortes. Quando as pessoas reconheceram o grupo um bando de mais de vinte homens apareceu e após as saudações pediram para se juntarem ao bando de Trovulino. O homem que falava pelos outros, era conhecido como “bala doce” e seria companheiro fiel de Trovulino por muitos anos, até sua morte. Mas isto ainda demoraria muitos tempo, aquele era o ano de mil novecentos e dezessete, o mês era agosto e era uma quinta feira.

O bando era composto na maioria por jovens, mas contava com três bons mateiros que tinham servido em tropas da volante e tinham experiência em viver na inóspita caatinga e mais o bala doce que já vivera no cangaço e depois de tentar viver no sossego, estava pronto para voltar. Afastaram-se para uma região serrana de difícil acesso e lá, comandados por Trovulino e treinados pelos mais experientes, o bando foi aos poucos ficando com músculos rijos e o corpo bem adestrado para a luta. Algumas vezes eles já tinham feito incursões em fazendas não muito grandes em busca de víveres, munição e tudo de valor que podiam roubar.

Nestas ocasiões o bando ainda composto apenas de homens, fazia todo tipo de maldade sem que Trovulino interferisse, os quatro chefes de bando, sendo: perna curta- cospe fogo, língua presa e bala doce”, respondiam a Trovulino caso ele não aprovasse algo. Numa noite de lua cheia, onde a cachaça corria solta e comiam carne de uma novilha assada, Trovulino pediu a atenção e falou alto e sem deixar margens às dúvidas:

- quem andar comigo tem que respeitar as minhas leis e já fica estabelecido que quem matar criança por covardia, quem fizer mal a menina com menos de treze anos a força, se o chefe não matar eu mato, e mato quem for contra mim. Se um cabra arranjar mulher e trouxer para viver no bando, ela será respeitada por todos, se alguém desrespeitar e o chefe não matar, eu mato. Seja quem for e de qual bando for. O resto, é da cabeça de cada um, desde que obedeça as ordens do chefe de bando.”

Os bandos começaram a se separar cada um dominando uma região pré-estabelecida por Trovulino, se tinham uma empreitada maior, ele reuniam as forças e partiam para o ataque. A fama do bando se espalhava e o governo começou a aumentar as volantes para perseguir os já chamados: “terror do sertão”, neste tempo melhor organizados, os homens de Trovulino eram sempre vitoriosos, Trovulino era fechado e quase nunca sorria, uma de suas peculiaridades era seu ódio a lamparinas acesas, nos acampamentos ele não as admitia, seus irmãos sabiam o motivo, mas não tocavam no assunto, às vezes

quando em ataques a fazendas ou pequenos povoados ele treinava a pontaria atirando nas lamparinas acesas.

Os chefes mais chegados, alguns já compadres dele lhe perguntavam e ele respondia: - é só para treinar a mão na pontaria. Cangaceiros sempre se davam bem com as mulheres, o apelo poético de uma vida sem eira nem beira onde o individuo tinha o destino dos mais fracos na mão e as mulheres conseguiam alguma liberdade maior do que ficarem casadas cuidando de marido e filhos e ainda ajudando na lavoura. Poucas acompanhavam o bando em suas empreitadas, só as mulheres dos chefes, ou as sem maridos que se juntavam ao cangaço, por provarem serem tão ou mais valentes do que muitos homem, estas eram tratadas como igual e com o mesmo direito de partilha de todos. Às vezes ficavam gostando de um cabra do bando e chegava a embuchar, mas logo que ficavam livres da barriga, entregavam o rebento para uma comadre criar e voltavam à ativa.

Muitas morriam nas escaramuças com os macacos das volantes ou eram apanhadas vivas e sofriam toda sorte de abusos antes de serem mortas, quando isto acontecia, recrudesciam os ataques violentos, pois nunca evitavam combates, na sanha de vingar a companheira ou um cabra valente que tinha morrido nas mãos dos policiais. Trovulino sempre procurava as quengas, mas nunca ficava mais de uma vez com uma mulher, cachorro mordido de cobra tem medo de linguça. Só que o homem está fadado a se apaixonar por um rabo de saias e mesmo tendo experiências ruins com algumas, a sua plena realização só pode acontecer junto a uma mulher.

Um dia quando seu bando se reuniu com os bandos dos seus primeiros comandados, resolveram fazer algo grande e partiram para atacar uma cidade pequena, mas com muito movimento e riquezas. Era: Capoeira do Barão, cidade com vários entroncamentos importantes, mas pouco vigiada contando com uma delegacia e uma cadeia que ficavam sobre a guarda de um destacamento de oito homens, por que devido à movimentação constante no local, as autoridades não acreditavam na possibilidade de um ataque.

Num domingo antes de clarear o dia, os oitenta cabras tomaram posição nos principais pontos de fuga e entrada da pequena cidade. Enquanto o bando principal comandado por Trovulino, tomava a delegacia, a cadeia e aprisionaram os policiais dentro das celas. O delegado sem qualquer tipo de reação também foi colocado em uma cela. Alguns dos presos antigos e que agora estavam libertos, resolveram ficar com os cangaceiros, outro pediram permissão para voltarem para suas famílias. Partiram com a promessa de qualquer coisa que Trovulino e seu bando precisassem estariam prontos a fazer. Trovulino e seu bando, o bando de bala doce e o bando de língua presa estavam quase todos montados em bons cavalos, o restante dos homens

estavam a pé o que era normal, na maior parte do tempo os cangaceiros andavam assim na caatinga, local às vezes de acesso difícil para os cavalos e com o agravante de consumir muita água, o bem mais precioso no sertão e às vezes difícil de encontrar.

Foi assim que uma linda mulher que estava na janela da única casa que não estava fechada por medo dos cangaceiros, viu o garboso chefe de cangaço. O chapéu estrelado, suas botas de cano alto o cinturão cartucheira cheio de balas formando um xis no seu peito largo e os olhos com brilho de faca. Ele olhou para ela e fez a montaria se aproximar encostando a montaria bem próxima à janela fazendo-a sentir seu cheiro de suor. Sem falar nada estendeu o braço direito, enlaçando-a e colocando a linda morena na garupa do seu cavalo e saindo a passo em direção a um terreno baldio onde parou e depois de segurar as mãos da mulher, deixou-a escorregar para o chão e apeou a seguir. Em nenhum momento ela esboçou medo ou desejo de fugir.

Antes de falar qualquer coisa ele ficou por um bom tempo observando a figura magra, mas de porte que deixava transparecer resistência, saúde e coragem. Depois de se dar por satisfeito falou - quero você para me acompanhar na vida, mas se não quiser não será forçada e pode voltar para sua casa. Ela respondeu: no momento que sentei na garupa de seu cavalo eu decidi que aquela não era mais minha casa, onde você for eu irei, minha vida começa agora. Foi assim que a mulher do sapateiro largou sua casa e sem olhar para trás ligou seu destino ao mais famoso cangaceiro do sertão. Quando terminaram o trabalho de saque no povoado, desta vez com poucas mortes e nenhuma do lado dos bandoleiros. Eles ganharam as caatingas e como por mágica desapareceram nas grotas sem deixar rastros.

Trovulino estava vivendo dias antes nunca vivido por ele. Quando era casado com Juva, ela não lhe dava carinho, talvez por que ele era o marido e a coisa conquistada muitas vezes perde o valor diante de novos desafios; Principalmente para pessoas bem sucedidas na arte da conquista! Com a nova companheira que o bando passou a chamar de Maria bonita, já que ela recusou-se a dizer o nome alegando que se ia começar nova vida, que fosse com novo nome. Ele sentiu que estava sendo apreciado e admirado ela fazia questão de se dedicar a ele tempo integral, nunca dizia estar cansada e sempre que estavam juntos e sozinhos partiam para a atração onde ele se realizava e sentia que ela também estava sendo feliz.

Um dia conversando com a mulher de Bala Doce, já sua comadre! Falou da tristeza que havia nos olhos do seu homem. Joana que sabia através da mulher de Juca da desgraça de Trovulino, contou à ela todo o acontecido e pediu a ela que nunca tocasse no assunto, pois Trovulino mataria até o irmão se soubesse que falavam dele. Maria não se conformava de ver seu amado

sofrendo e vivia matutando um jeito de livrá-lo da tristeza, com isto mais ainda se dedicou a ele dando-se por inteira e nunca o deixando sozinho, para evitar que ele se lembrasse da tragédia. Certo dia depois de uma luta desgastante com uma volante e tendo sido difícil fugir gastando três dias de desabalada carreira pela caatinga e custado algumas vidas dos cabras, o bando se aproximou de uma casa onde muitas pessoas estavam festejando o São João. Trovulino após ver todos o bando posicionados e prontos para a luta caso fosse preciso, se achegou e depois do alvoroço habitual com as mulheres tentando fugir ele disse – pessoal sou Trovulino, eu e meu bando estamos precisando de diversão, por isto tratem de trazer comida e bebida para todos e rápido, senão eu começo a matar todo mundo. Para não ficar só nas palavras quase sem fazer mira, apontando a papo amarelo como se fosse uma extensão do seu braço, atirou e destruiu a lamparina deixando só os fachos de bambu cheios de querosene acesos e mandou os festeiros se sentarem em volta da fogueira.

No mesmo instante o caseiro providenciou tudo o que tinha de comida e bebida para os homens sedentos e famintos que se fartaram com bolos, mandioca cozida e frango frito. Quando todos estavam satisfeitos e a cachaça já fazia seu efeito provocando nos homens a vontade de desabafar as tensões e já ensaiavam alguns passos de danças, Trovulino pediu educadamente a atenção de todos e falou: - Sanfoneiro organize os pares para dançar quadrilha, quero todo mundo, só as meninas e meninos é que vão pra dentro da casa, tranque as portas e manda-os ficarem deitados no chão e fiquem quietinhos senão eu mando capar todo mundo. Bala Doce caiu na gargalhada e Trovulino perguntou de que ele estava rindo, ele disse:– (cumpade, cumé que capa muié?) - Ô chente, capa de rodela compadre e aí todos riram inclusive os moradores das casas, descontraindo o ambiente.

Organizados os pares, alguns cangaceiros quiseram entrar no meio dos dançarinos, mas Trovulino disse: – não! Todos do bando só vão apreciar. Os dançadores serão apenas o povo da festa. O bando ficou meio descontente, mas o chefe falou não cabia nenhuma discussão. Trovulino mandou o sanfoneiro tocar e quando ele começou, o marcador da quadrilha deu as ordens - organizar os pares, os homens se colocaram na frente das mulheres e ele falou de novo, balanceia, os pares se mexeram e Trovulino gritou: - pode parar, deixe que eu mesmo marco. – Espiche o fole sanfoneiro, os homens em frente das mulheres, balanceia, olhem a recuada, os homens se afastaram um pouco e ele deixou o povo marcando passo e logo gritou, podem parar!

- Não está bom, vamos fazer assim, todo mundo tira a roupa, o pessoal começou a demorar ele puxou o parabello e deu um tiro para o alto, no mesmo instante todo mundo ficou peladão. O povo com as mãos tentavam tapar as vergonhas dependuradas, mas Trovulino já mandou o sanfoneiro

tocar e recomeçou a marcação quando gritou balanceia, foi uma gargalhada geral da plateia, alguns homens tinham o chicote muito grande e quando balançavam, era motivo para o delírio dos cangaceiros e as mulheres com os seios caídos completavam o quadro. Trovulino deixou os pares batendo os pés enquanto comandava, olha a cadência, balanceia, de repente mandou parar de novo: - não está bom, falou, tem que melhorar, faça assim: um dedo na boca outro no tobróis... Não sabem o que é tobróis? “Tobróis é o que se diz na linha do vento em repente é: rusguento, fedorento, catinguento, bexiguento e fazedor de vento”. Tem mais! Por exemplo: na linha do bambu tem: “jaburu, fuzu e o”... Melhor não escrever aqui, os leitores podem pensar que este é um livro de besteiras.

Mas é isto aí, um dedo na boca outro no tobróis, aí a moçada mandou ver, quando o sanfoneiro começou a tocar, ele gritou pode parar, ta errada é um dedo na boca outro no tobróis do que está na frente, aí todo mundo mandou o dedo em quem estava na frente e depois de olhar que todos estavam endedados, ele recomeçou a marcação, balanceia, recuar, em frente.

O pessoal morrendo de medo gingava, os cangaceiros rolavam no chão de tanto rir e Trovulino comandava: - passar na pinguela, “pinguela é um pau lavrado de um lado e colocado em cima de valas ou córregos para travessia”. Foi aí que Trovulino inventou a tal de dança chamada “xaxado” o povo só podia atravessar a pinguela com um pé à frente e o outro pé atrás em linha, daí em diante o povo repetia este passo e criou-se a dança. Fazer a volta, passar na pinguela de novo, ta chovendo é mentira, marcar passo. Todo mundo naquela situação difícil, mas o medo fazia com que ficassem dançando sem reclamar.

Trovulino pediu uma dose de cachaça e depois de tomar recomeçou a dança comandando, recuar, em frente, fechar a roda, a roda se fechou e ele gritou! Marcar passo, cadenciando, trocar de dedo... Aí tinha um caboclo que viu aquele dedo sujo de caca falou: - ta danado! Trovulino ouviu e perguntou: - danado de que seu cabra? E o cabra apertado respondeu: - danado de bão seu Trovulino. Nisto o vigia gritou, - macacos! Na mesma hora os cangaceiros correram para as posições combinadas e o tiroteio começou, enquanto atiravam, recuavam e aos poucos foram se embrenhando na caatinga até se perderem na noite.

Maria bonita, quando o bando parou numa grotta de difícil acesso e aonde os macacos não chegavam, resolveu acabar de vez com a tristeza do seu cangaceiro e pedindo a atenção falou: - pessoal, quero propor um novo nome para o maior cangaceiro deste sertão, quero que Trovulino a partir de agora seja chamado de Lampião. Na hora que ela falou, Trovulino se levantou como um gato e pronto para acabar com a mulher pensando que ela ia fazer gozação

com ele, mas ela esperta continuou, eu explico: - lá na casa das danças quando chegaram os macacos, este homem puxando a cordinha amarrada no cão da sua papo amarelo dava tanto tiro que a boca da arma parecia um farol iluminando tudo. Esta valentia merece um nome que rime com sertão, Lampião o maior cangaceiro do sertão.

O bando todo se levantou gritando viva Lampião! Trovulino vendo isto e pensando que de certa forma era uma promoção, de lamparina para Lampião, melhorava bem e ninguém ia mais se lembrar do caso passado na sua terra, falou:

- Aceito a partir de agora eu sou o Lampião e mudo meu nome verdadeiro e dou meu nome a esta minha mulher que provou ser boa de tudo de Maria bonita rainha do cangaço. Foi assim que acabou a tristeza de Trovulino que viveu até o dia que os macacos o emboscaram e crivaram-no e grande parte do seu bando de balas mais sua Maria, cortando-lhes as cabeças para exposição em praça publica.

Foi o fim da vida e o começo da lenda que deverá viver enquanto o mundo sobreviver. Depois da sua morte, ele passou um tempo sem sentir, sem ver ou ouvir nada. De repente despertou e se viu num lugar tão belo que não havia como descrevê-lo, viu-se rodeado de seres que irradiavam luz e quando olhou para seu corpo espantou-se por se ver como os outros que ali estavam. Aos poucos foi recordando tudo o que tinha acontecido na vida passada e em outras das suas vidas como encarnado. Foi reconhecendo as pessoas que lá estavam, sentada no centro do círculo viu Juva, vestida como uma rainha, tão linda como nunca a vira antes, e reconheceu nela o anjo das luzes do arco íris e com um gesto pedindo atenção, ela falou.

- Meu amigo, não fique constrangido, a maior parte da missão era sua e a cumpriu bem. Todos os que saíram da missão, desencarnados por suas mãos, são seres de luz muito desenvolvidas e já partiram para outras missões que vão iluminá-los mais, e todos acrescentaram pontos de luz à sua existência.

O preço que você vai pagar, por ter cumprido a missão tão bem é o aumento na sua luz. Aí ele recordou tudo, ele era o anjo Felício, ainda não era um anjo muito iluminado, embora tivesse acesso aos grandes chefões era só um ajudante aspirando um cargo maior. A chance surgiu quando resolveram realizar uma missão de conscientização do povo brasileiro de sua coragem e que eles podiam lutar e enfrentar os poderosos para isto fora elaborado aquele plano. O povo vendo um homem comandando um exército de bandoleiros criaria coragem para fazer o mesmo, mas repudiando a violência que fora usada pelos cangaceiros. Só não entendeu por que, se cumpriu bem a missão, ele tinha de reencarnar? Aí o anjo das sete cores, explicou: - a missão lhe foi dada por ser um anjo em ascensão e não muito burro, mas você extrapolou por ser muito atirado, exemplo: não era para você matar o português, o

pistoleiro e eu, era para nos perdoar e ficar com os chifres. Uma bobagem tola e você não aceitou e resolveu na violência. Quanto aos que você matou guerreando, estava previsto, mas aquela de marcar quadrilha e mandar os caras enfiar o dedão nos fíofós um do outro fez você ter de voltar lá para dominar esta violência e aí sim ter mais reconhecimento.

Por isto terá que reencarnar de novo. Vai renascer em vinte e nove de abril de mil novecentos e quarenta e cinco e quando crescer vai ser trovador e será manso de coração e se levar chifre de novo vai ser corno manso. Terá que ser manso a vida inteira, só assim é que vai recuperar sua luz, ganhar mais pontos e a classificação de meio oficial de limpeza na casa dos anjos chefes. Como manda quem pode e obedece quem tem juízo... Vai Felício. Felício aproveitou para visitar os camaradas que tinham participado da missão com ele, fez questão de procurar por Solsóia, o anjo pequeno que tinha atuado como Maria bonita, mas ficou sabendo ter ela já se reencarnado e não pode vê-la, encontrou o anjo Geeli que tinha feito o papel de S R S. Perdeu logo a calma com ele que era um anjo gozador e veio logo tirando uma com sua cara chamando-o de corno acostumado. Visitou outros camaradas que ainda estavam aguardando ordem de embarque para reencarnarem, e depois andou vendo antigas namoradas até quando chegou sua hora de reencarnar.

O galo cantou numa biboca chamada Pega Bem, “por que lá tinha muito ladrão de cavalos” uma jovem senhora loura de olhos muito azuis entrou em trabalho de parto, ao amanhecer nasceu Valdemiro Perroud Berbeth de Mendonça, futuro trovador em missão de pagar pecados de outra encarnação. Cresceu na maior pobreza e só começou a ser notado, aos quinze anos, quando... Começou a namorar e se transformar em homem, até esta idade, já tinha expiado todos os seus pecados e sobrava crédito por viver numa pobreza total e sem se queixar, como a maioria dos brasileiros que não deveriam ser obrigados a rezar, pois vivem para isto: pagar pecados que outros cometem. Outros tais que são ricos, têm tanto e tiram de quem não tem nada, para serem mais ricos e seus pecados ficam também na conta dos pobres que vão pagando, expiando, sofrendo, morrendo e renascendo, e morrendo de novo. Afinal, de qual lado estão os deuses?

Fim

